

As flores, As flores do mal. Obras musicais e suas relações com Jean Genet, Charles Baudelaire sob a desconstrução de Jacques Derrida

*Silvio Luiz Matias da Silva*⁸³
*Dirce Eleonora Nigro Solis*⁸⁴

Resumo

Neste presente artigo, é feita uma análise das metáforas, representações e a construção de significado nas técnicas de contar histórias de Jean Genet, destacando a importância das flores, na obra *Glas*, de Derrida e, também, as flores e suas sutilezas, em Charles Baudelaire. Tendo em vista a maneira como é utilizada a representação de flores em suas obras, o estudo investiga como esses escritores usam a imagem das flores para transmitir suas visões estéticas e filosóficas. Usando uma abordagem conceitual e comparativa, o artigo realça trechos que mostram a utilização das flores como metáfora em composições nacionais. A interpretação desconstrutivista de Derrida, é utilizada para aprimorar a compreensão dessas metáforas. O objetivo do artigo, portanto, é elucidar as inter-relações complexas entre linguagem, significado e experiência estética ao analisar as representações das flores presentes nos textos.

Palavras-chave: Jean Genet; Derrida; Desconstrução.

Abstract

This article analyzes the metaphors, representations, and construction of meaning in the storytelling techniques of Jean Genet, highlighting the importance of flowers in Derrida's work "Glas" and the subtleties of flowers in Charles Baudelaire. Considering how flower representation is utilized in their works, the study investigates how these writers use the image of flowers to convey their aesthetic and philosophical visions. Using a conceptual and comparative approach, the article highlights excerpts that show the use of flowers as a metaphor in national compositions. Derrida's deconstructivist interpretation is used to enhance the understanding of these metaphors. The objective of the article, therefore, is to elucidate the complex interrelationships between language, meaning, and aesthetic experience by analyzing the representations of flowers present in the texts.

Keywords: Jean Genet; Derrida; Deconstruction.

Introdução

Com o objetivo de analisarmos as alegorias, os símbolos e a produção de sentido que decorre dos mecanismos narrativos na obra de Derrida - um filósofo franco-argelino (1930 - 2004), este trabalho recorre, a partir desse entendimento, a uma compreensão e um modo de leitura sobre algumas passagens e determinadas imagens na narrativa de Jean Genet à constante figura das flores vista na obra "Glas", de Derrida e de "As flores do mal", de Charles Baudelaire.

⁸³ Estudante da graduação em filosofia da UERJ. Bolsista de Monitoria de Antropologia Filosófica e de Iniciação à Docência. e-mail: sillumats@gmail.com

⁸⁴ Professora Titular do Departamento de filosofia e do PPGFIL/UERJ; coordenadora do LLPEFIL; coordenadora do GT da ANPOF Filosofia Contemporânea de Expressão Francesa; Líder de Pesquisa juntamente com Fernando Fuão do projeto do CNPQ: Arquitetura, Derrida e aproximações; orientadora do estudante Silvio Luiz Matias. e-mail: dssolis@gmail.com

A princípio, este é o emblema mais recorrente, a alegoria mais sutil e ao mesmo tempo mais poderosa, pois transpõe para o texto o modo como os autores percebem o mundo e revelam a peculiaridade de suas estéticas, construindo metáforas e alegorias. Além disso, pode-se notar as comparações de elementos opostos, mas que se unem e criam um novo significado dentro de suas narrativas.

A notável obra de Derrida é, literalmente, dividida em duas: de um lado tem-se Hegel, de outro, Jean Genet. A escrita é feita de forma como se houvesse um espelho entre a simetria, beleza e elegância de Hegel (que não será tema deste texto); de outro, Genet com sua escrita, embora elegante, afrontosa e marginal.

“O mundo hegeliano é dialético, concilia antíteses numa qualidade superior, é mais afeito à binariedade logocêntrica; o mundo de Genet é marcado pelo irreconciliável e pela marca temática da traição, do roubo e da denúncia” (2020, p. 229)

Ainda em Glas, suas colunas diferentes são impressas em cada página, e os formatos expõem a ideia de textos distintos. As anotações marginais incluem entradas adicionais, comentários, definições e citações de obras originais, criando um trabalho em tanto desconexo, mas, ainda assim, com certa forma de relação às avessas. Colunas desiguais em Glas evocam uma abordagem de desconstrução - estilo Derrida -, onde uma coluna interage simbioticamente com a outra; ambas emergem ao leitor, mas também trocam de lugar ou compartilham uma folha comum ao se sobreporem. Finalmente, elas representam enxertos que formam ligações duplas entre partes diferentes, mantendo suas próprias identidades separadas - como rupturas fixas em movimento.

“Em Glas, não raro, as palavras ou as frases são interrompidas por notações ou observações de Derrida que perfazem um desvio desconstrutor muitas vezes tomando algumas páginas. Glas se assemelha a uma colagem ao mesmo tempo filosófica e literária e as fontes utilizadas de distintos tamanhos, a formatação, tudo enfim, imprime um caráter de desconstrução ao texto”. (2020, p. 230).

Tendo em vista estas questões primárias, as flores - tanto em Genet quanto em Baudelaire - se tornam uma figura que indica uma delicada passagem entre pontos extremos como o florescer da vida e o fenecer da morte, a fragilidade e a força, o belo e o bizarro. Já sob o olhar de Derrida, conseguimos perceber, sob o tema das flores, um pouco de seus quase-conceitos que diz sobre a Desconstrução e a Dobra. Pode-se dizer que esta é uma abordagem complexa e cheia de nuances sobre o modo como se lê e se entende os diversos tipos de textos de todas as espécies, inclusive obras de artes em geral.

“Desconstruir”, grosso modo, possui a finalidade de apontar oposições binárias - como vida, morte; belo, feio; sutileza, dureza - delimitando-as e expondo seus paradoxos. A Desconstrução, por um lado, pode ser uma sugestão à gramática, à linguística ou à retórica.

Além do mais, a palavra “desconstruir” não se remete à derrubar, nem destruir: ela quer dizer uma inversão de pares binários e de conceitos tradicionais, onde que depois de detectar isto na obra, faz-se um deslocamento, que segue outro viés. Portanto,

“A desconstrução é uma releitura do mundo, enquanto realidade. Implica uma transformação do conceito de realidade, ocupando-se de uma realidade, mais real do que a própria realidade, sendo um movimento em hiper (para cima de...)” (Universitas Philosophica, 2013, p. 182)

Isto posto, veremos adiante o que acontece com a noção das flores em Genet e Baudelaire.

Em Genet, suas questões relativas às flores, são como atores alegóricos que constroem uma peça de teatro e expõe o que há entre o âmbito do sagrado e do profano - ou o quê em distinção a uma tragédia e uma ventura, ou comédia. Partindo deste ponto, a vida humana e as flores podem ser muito bem representadas, pois ambas possuem beleza, estágios evolutivos e reveses: o nascimento, maturidade, “despetalamento”, até a sua morte. Vir da terra e para ela volver; flores e vidas, ambas são delicadas: uma força externa mais bruta que sobre elas se exerça, pode ser seu fim. Há também a peculiar questão em relacionar criminosos com as flores, como o ato de deixar flores no local do crime - como uma forma de provocação, de ironizar toda uma tradição lírica -, até a de profanar a imagem do que é compreendido como belo, usada por vários poetas e escritores ao longo da história da literatura.

“Na aparência, cedendo à Paixão da Escritura, Genet tornou-se uma flor. E ele plantou, em grande pompa, mas também como uma flor, soando o dobre de finados, seu nome próprio, os nomes de direito comum, a linguagem, a verdade, o sentido, a literatura, a retórica, e, se possível, o resto. Isso é pelo menos a aparência. E isso teria começado por envenenar as flores da retórica ou da poética. Estas, parodiadas, alteradas, transplantadas, começam muito rapidamente a apodrecer, a parecer essas coroas mortuárias que se lança por sobre os muros do cemitério. As flores não são nem artificiais nem totalmente naturais. Porque se diz as ‘flores da retórica?’ E o que seria a flor quando ela se torna somente uma das ‘flores da retórica?’” (Derrida, 1974, p. 19).

Este quase-conceito, agora sob o prisma derridiano, mais uma vez, assinala o processo pelo qual o indivíduo e a sociedade a qual ele compõe são subjetivados, um influenciando o outro em uma relação. Portanto, a figura da flor sempre funcionou em geral, subjetivamente, como uma sensibilidade, beleza, fragilidade, pureza e, às vezes, também se referindo à efemeridade da vida, da juventude; do contrário, subvertê-la, foi uma ação subjetiva bastante perspicaz e sutil.

“No entanto, Derrida pergunta: “Mas o que é a poesia, desde que a flor é ‘o objeto poético por excelência?’ O que é a retórica, se a flor (da retórica), é a figura das figuras e o lugar dos lugares?” (2020, p. 234).

Vidas e Flores, pois, são assim também em Baudelaire: logo que surgem, tornam-se eretas, altivas; no entanto, quando no ápice das suas existências, já começam a perecer e a se

curvar, inevitavelmente, voltadas para o chão - ou a tombarem nele definitivamente. É belo, porém triste - ou não necessariamente. Seu perecimento pode ser tão belo quanto o seu desabrochar - dependendo da Desconstrução e Dobra a serem feitas com esta imagem em meio à retóricas, figuras de linguagem e ilustrações. Isto é, a figura da flor - bem como a vida humana - remete-se, de fato, à imagem de sutileza, de beleza, de fragilidade e de pureza material-biológica. O seu fim é sempre violento, porque, pelo fato de serem tão tênues, tão tenras, qualquer contato desmedido - seja com alguma flor, seja com o corpo humano -, é devastador; ou, através do próprio agir da natureza, em se tratando das flores (e também do nosso corpo), seu fim despetalado, fétido, pálido, murcho, também assusta - contrastando com sua pregressa e vivaz beleza. Nota-se também a brevidade de uma vida: o quão rápido se é ante ao que é transitório. Logo, eis um belo devir em ambas: nascer, desabrochar, amadurecer e por fim morrer.

As flores

Com base nestas questões podemos analisar a música “Flores”, da banda brasileira Titãs. Há, nesta letra, uma espécie de Desconstrução sobre questões de saúde e doença - aqui pode envolver também a ingestão de drogas, seja no combate à doença ou consumo de alucinógenos; o amor e o ódio; e a vida e a morte - não necessariamente nesta ordem. Tudo isso tendo as flores como pano de fundo, ou melhor, como a atriz principal desta peça teatral - que não julgarei ser tragédia ou ventura.

Flores

“Olhei até ficar cansado
 De ver os meus olhos no espelho
 Chorei por ter despedaçado
 As flores que estão no canteiro
 Os punhos e os pulsos cortados
 E o resto do meu corpo inteiro
 Há flores cobrindo o telhado
 E embaixo do meu travesseiro
 Há flores por todos os lados
 Há flores em tudo que eu vejo
 A dor vai curar essas lóstimas
 O soro tem gosto de lágrimas
 As flores têm cheiro de morte
 A dor vai fechar esses cortes
 Flores, Flores
 As flores de plástico não morrem”

Primeiro lugar, é notório que a música utiliza as flores como figuras de linguagem, como pano de fundo para alguns atos e comparações em outros; além de falar tanto das flores, seu título é “Flores”. Entretanto, no trecho “Há flores por todos os lados/ Há flores em tudo que eu vejo”, há uma evidência em respeito à vida. A vida da personagem ou de alguém próximo a ela: o porquê destas flores que estão “por todos os lados”, como algo que lhe persegue, uma imagem que a pessoa possui, quiçá, até mesmo cerrando seus olhos, vê-se flores. Tão belas flores, imagem tão serena. Porém, pode se tratar de uma obsessão por algo, por alguém; um funeral; pode se estar em um belo campo coberto por flores, lendo autores dos áureos tempos do arcadismo; ou se está obcecado por algum tipo de flor que lhe alimenta, alimenta seu vício - drogas alucinógenas.

Segundo, a música tem como seu primeiro verso “Olhei até ficar cansado/ De ver os meus olhos no espelho”. O que estaria tramando, a protagonista, que tanto se olhava pelo espelho? Sabe-se que o espelho reflete àquele que com ele se depara, sem filtros, sem distorções. Então, olhar a si mesmo levou-a ao cansaço. Alguém cansado de si mesmo. O espelho reflete a fragilidade da vida - bem como o vidro que separa sua imagem refletida de sua realidade -, sua sutileza ante a duros momentos. A vida é uma futilidade - segundo o eu lírico na música -, é algo tão fútil que merece perecer de súbito antes de todo o doloroso processo de murchar-se, de perder sua cor, despentalar-se e por fim cair seca no chão. Como quem dissesse a si mesmo: não suporto mais viver esta mesmice.

Ademais, quão frágil é a vida humana? E o que dizer das flores?; delicada e perecível; sustentada, ou melhor, alimentada, vez ou outra apenas pela luz do Sol e mergulhada num já usado copo d'água. Tanto a vida quanto a flor, não passam por estas condições? Como alguém que está preso a uma rotina de “pão e água”, vivendo “naquele canto da casa”, esquecido, por vezes ignorado, “transparente” à sociedade, embora seja a flor mais bela de todas as flores; uma rosa no seu mais profundo movimento de desabrochar e o seu inesquecível aroma. Eis um conflito interno e um choque entre sua realidade e a realidade que o mundo lhe impinge: a plenitude da vida e inevitabilidade da morte; a doce lembrança enquanto em vida e o bruto esquecimento de sua beleza após seu desaparecimento.

Outro trecho surge - e a partir daí a coisa vai ficando mais tensa: “Chorei por ter despedaçado/ As flores que estão no canteiro”. Eis aqui, talvez, uma clara referência ao “bem-me-quer, mal-me-quer” - quem nunca fez essa brincadeira quando na infância, de arrancar as folhas de uma linda e delicada margarida - desejando que a última fosse a referência ao “bem-me-quer”? Porém, nesta obra, não se trata de uma brincadeira infanto-juvenil e sim um desespero de um amor não correspondido, de um “bem-querer” que não existe de fato. Por

consequente, a música traz uma imagem de que “as flores que estão no canteiro”, foram despedaçadas. Uma atitude mais violenta seguida de um profundo remorso ou arrependimento, indicado pelo ato de chorar.

Agora, a questão é saber se, duas coisas: a flor simboliza alguma pessoa amada ou a si mesmo? Não que se trate de violência física contra o próximo, mas um simbolismo, ou uma dilaceração, um despedaçar, um rasgar, um arrancar, ou afastar-se de alguém ou uma auto-violência metafórica consigo mesmo. Talvez, também possa se tratar de uma flor presenteada por algum amado(a) de outrora, que o faz lembrar a todo instante de alguma forma de traição; poderia ter, a protagonista, jogado as flores com tudo no chão, devido a alguma frustração, um amor não correspondido; uma separação indesejada, uma traição... Estas questões se ligam aos versos a seguir:

“Os punhos e os pulsos cortados/ E o resto do meu corpo inteiro”. Primeiro, a partir daqui, surge outra interpretação muito mais forte. Vê-se claramente o notório o *modus operandi* de um suicida, de alguém com impulsos auto-destrutivos. Segundo, não só os pulsos, mas o corpo inteiro do indivíduo está dilacerado, um “vaso quebrado com flores despedaçadas”, em referência ao trecho “... despedaçado as flores que estão no canteiro”. Provavelmente, neste caso, um relacionamento não correspondido ou um estado de depressão profunda e/ou o envolvimento com drogas. Este ato, muito duro de se relatar, é muito delicado para se discutir, mas como a música deixa à interpretação, então não se pode deixar de notar. Afinal, isto se dá por vários motivos - além de situações passionais - desde, internamente, psicofísicos até, externamente, a questões socioeconômicas: pessoas desistem da vida. Encaram-se no espelho até ficarem cansadas, chorando e questionando-se: “será que suporte esta dor?”

Temos mais uma imagem muito simbólica que é a de um triste e lamentável fim: “Há flores cobrindo o telhado/ E embaixo do meu travesseiro”. Pode-se notar aqui um velório, um funeral. Um falecido já no caixão: flores por cima dele, “cobrindo o telhado” - ou seja, flores sobre a tampa do caixão - e “embaixo do travesseiro”, onde jaz ali dentro o corpo; as flores - flores ornando o corpo -, coroa de flores, flores por todos os lados para aliviar, consolar, aromatizar e embelezar aquele momento fúnebre.

Entretanto, tem uma outra versão, para tratarmos desta canção, algo um pouco menos trágica. A protagonista por alguma causa tentou suicídio, não obteve sucesso, foi socorrida e, enfim, encontra-se resgatada e seguida no hospital. Em meio a uma espécie de coma, viu seu próprio velório. Isto fica bem explícito nesse trecho em seguida: “A dor vai curar essas lóstimas/ O soro tem gosto de lágrimas/ As flores têm cheiro de morte/ A dor vai fechar esses cortes”. É um pouco sombrio, algo bem trágico. No entanto, há brechas interpretativas sobre uma possível

morte física, de fato. Há também o que pode ter morrido, rompido, findado, como algum relacionamento; a raiva de si mesmo; além de uma pulsão de morte, que foi vencida, isto é, pelo menos naquele momento não se consumou. O que se entende é que somente a vida irá curar as feridas, o dia a dia irá fechar os cortes seja no corpo, seja na “alma” da protagonista.

Além disso, ainda em respeito ao socorro a esta pessoa, à medicação, o soro - que tem gosto de lágrimas - e estar sob os cuidados médicos, pode nos remeter também às drogas. Não que os medicamentos de algum pronto socorro estivessem causando alucinações no paciente, ou algum mal maior, mas o próprio abuso no consumo das drogas ilícitas: tantas belas flores, porém, sua ingestão pode ser fatal. Temos exemplos não só de plantas que causam alucinações, mas que são venenosas. Os mais clássicos exemplos de que as flores curam, mas também matam.

Eis, portanto, a visão de flores em todos os lugares, uma possível desintoxicação no hospital - em referência ao soro, que simbolicamente significa remédio, cura -, por conta das drogas ou das dores, das angústias que levaram, por fim, a uma tentativa de suicídio: vejam, o corpo dilacerado, alucinado, no chão de um possível banheiro; o corpo despedaçado, junto a um vaso de lindas flores que enfeitam o local; sobre a pia, após ter encarado-se diante de um belo e límpido espelho; do vidro desse espelho e o pulso cortado... Tudo se encaixa.

Por fim desta parte, quando a música diz que “As flores de plástico não morrem”, o pensamento não morre, o desejo, a paixão - apesar de não correspondida - e o desejo do adicto em se alimentar ilicitamente ou, quiçá, uma dor “da alma” - depressão. Porque a dor de uma pessoa pode ir embora quando ela vier a falecer, mas a dor no mundo continua; as angústias, os medos, os desejos ilícitos, os pavores desta vida fútil, banal, atroz... Isso não morre - como flores de plástico. Pode perecer o seu hospedeiro, mas a causa? Jamais! E, por acaso, superando a isso tudo, como recomeçar? O que fazer para a vida não ser tão falsa, como são as flores de plástico? Como torná-la viva como um lindo ramo de flores coloridas, que saltam aos olhos e, perfumadas, alteram para melhor todos os sentidos do corpo? Há o novo despertar de uma “vida” que permanece. Não fisicamente, mas o que machucava. As próprias flores são a cura - além do significado funesto em Genet -, há vida nas flores. Ademais, um indivíduo com desejo de morte, sua intenção e tentativa e, depois disso, um novo desabrochar, ou um novo despertar, é florescer, é devir. Não houve o findar de uma vida em um momento que uma pessoa passou por tantas intempéries, mas sua mudança radical: da morte para a vida.

As flores do mal

Agora outra obra musical brasileira - que será tratada adiante - que também diz respeito às flores, se alia agora ao poeta francês Charles Baudelaire, este que possui em sua literatura uma obra interessante: "As flores do mal" (1857) é de extrema beleza, embora seja uma leitura "pesada". Para se ter uma ideia, ela foi censurada por imoralidade e Baudelaire foi processado na época.

De modo geral, este termo "As flores do mal", de Baudelaire, se dirige a uma beleza na expressão do mal e, além disso, de ter uma intimidade com a maldade, porque só se expressa belamente desta forma aquele que o conhece. O mal, enfim, pode remeter-se a uma sociedade mercadológica, violenta, banal e degenerada; a situações amorosas não correspondidas e demais ilusões em relação ao mundo.

Além disso, curiosamente, Baudelaire grafa sempre com letra maiúscula a palavra "Mal" e minúscula as "flores", significado uma tendência ao "Mal", um conceito subjacente ao que diz da tradição estética do belo, doce e sutil que seria a flor. Com isso, portanto, ele tende falsear a associação da beleza e do bem em geral aos conflitos, drogas, prostituição, miséria, doenças e demais casos.

Eis alguns versos e estrofes muito sufocantes e desconfortáveis, do seu livro *As flores do mal*:

Ao leitor

“O disparate, o erro, o pecado, a cobiça
Desgastam nosso corpo e ocupam nossa mente,
E alimentamos nosso remorso indulgente,
Como o mendigo à vérmida que nele viça.

[...]

Se o estupro e o veneno, se o incêndio e o punhal
Não bordaram ainda com traços ferinos
O esboço chão de nossos indignos destinos,
É que a audácia de nossa alma não é total.

[...]

Fumando o narguilé, sonha um enforcamento.
Tu conheces, leitor, esse monstro incruento,
- Leitor irmão - hipócrita - meu semelhante!”

(BAUDELAIRE; 2019. p. 19)

Aqui temos o pessimismo em respeito às atitudes humanas, com traços ferinos, “verminante”, diz Baudelaire, que, ainda, a nossa audácia não alcançou a plenitude. Da mesma forma que ele foi tido como pervertido, pobre, drogado, doente e toda sorte de linchamento, ele deixa o recado final aos seus prováveis detratores, nos versos finais, “Tu conheces, leitor, esse

monstro incruento/ - Leitor irmão - hipócrita - meu semelhante!” - ou seja: tu és, a mim, igual. Não somos as flores, somos o mal.

Partindo deste tema, e viajando agora para a composição escrita e musical da banda Legião Urbana, temos um trabalho que narra uma desilusão amorosa e afetiva e coloca o amor na esfera da revolta e da contradição sentimental. O Título da música alude, realmente, à obra de Baudelaire de forma a constituir o universo semântico nos seus versos. "As Flores do Mal" - em Legião Urbana e em resumo, Baudelaire, é mais que um desabafo sentimental em que o sujeito encontra-se iludido com seu objeto amoroso e se vinga dele verbalmente desqualificando-o de formas baixas quanto ao seu caráter duvidoso. A questão aqui vai além da revolta. Nem quiçá seria vingança, mas perversão. Pelo menos nos trechos de Baudelaire há o prazer em ser "mais ruim" que o próximo, em ser um monstro maior, em tentar superar o mal que outrora lhe fora atirado. Por fim, na música, enquanto o autor se revolta, ele mesmo se contradiz ao expressar sua vingança por mostrar que ele também possui sentimentos tão vis quanto aquele a quem dirige as acusações que segundo ele, lhe fizera sofrer.

As Flores do Mal

“Eu quis você
E me perdi
Você não viu
E eu não senti
Não acredito nem vou julgar
Você sorriu, ficou e quis me provocar
Quis dar uma volta em todo mundo
Mas não é bem assim que as coisas são
Seu interesse é só traição
E mentir é fácil demais
Mentir é fácil demais
Tua indecência não serve mais
Tão decadente e tanto faz
Quais são as regras? O que ficou?
O seu cinismo, essa sedução
Volta pro esgoto, baby
E vê se alguém lhe quer
O que ficou é esse modelito da estação passada
Extorsão e drogas demais
Todos já sabem o que você faz
Teu perfume barato, teus truques banais
Você acabou ficando pra trás
Porque mentir é fácil demais
Mentir é fácil demais
Volta pro esgoto baby
E vê se alguém te quer”.

Por fim, os sentidos tanto em Genet, quanto em Baudelaire sobem no mesmo palco de atuação no teatro trágico - ou para alguns, da ventura. Sob a direção de Derrida, as flores e a vida ganham seus desdobramentos e desconstruções, mudando a ideia que se tem da arte em geral, do que está em condições de esperar dela, fazendo com que seu espectador aproveite muito mais das obras desdobrando-a e desconstruindo-a também para um novo visar de mundo e de um auto apreciar-se.

Referências Bibliográficas

BAUDELAIRE, C. **As flores do mal**. Companhia das Letras. 2019;

DERRIDA, J. **Glas**. Éditions Galilée, Paris, 1974;

LEGIÃO URBANA. Álbum "**Em outra estação**". Música: "As flores do mal. Autores: Dado Villa-Lobos, Renato Russo. Corações Perfeitos Edicoes Musicais Limitada. 1997;

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES. **Universitas Philosophica** 60, Año 30, enero-junio 2013: 177-204 – ISSN 0120-5323.

<http://www.scielo.org.co/pdf/unph/v30n60/v30n60a09.pdf>

SOLIS, D. E. N. E. **Ideias que marcaram o século XX - Uma chave para a leitura dos filósofos**;

_____. Espectros e monstros inumanos: Jean Genet em Glas de Derrida. **Revista latinoamericana del Colegio Internacional de Filosofía**. 2020.

<https://www.revistalatinamericana-ciph.org/wp-content/uploads/2020/01/16-Dirce-Solis.pdf>

TITÃS. Álbum: "**Õ Blésq Blom**". Música: "Flores". Autores: Charles Gavin, Paulo Miklos, Sérgio Britto, Tony Bellotto. 1989 Warner Music Brasil Ltda.